

ANDREW KORYBKO

GUERRAS HÍBRIDAS
das revoluções coloridas aos golpes

1ª edição
Expressão Popular
São Paulo – 2018

2 – Aplicação das revoluções coloridas

Introdução à teoria e estratégia

Esta seção trata da lente através da qual as revoluções coloridas precisam ser vistas. Ela define a estrutura teórica e estratégica que sustenta esse fenômeno, mas, à diferença de outras obras sobre o tema, não trata a respeito do papel das ONGs e de seu financiamento internacional. Se o leitor tiver interesse na estrutura organizacional das revoluções coloridas, recomenda-se que leia a nota resumida do autor sobre esse tópico disponível *online*.³⁸

O foco deste livro é, em vez disso, expressar como as ideias por trás das revoluções coloridas são difundidas e seus praticantes recrutados. Sustenta-se que há forte ênfase em operações psicológicas para conquistar as demografias-alvo específicas e que a guerra em rede é a forma mais eficiente de disseminar a mensagem. Algumas das aplicações exploradas nesta seção são influenciadas em parte pelo artigo “Coaching War” do analista geopolítico Leonid Savin,³⁹ no qual ele apresenta sua perspectiva sobre como elas podem ser incorporadas a sistemas sociais. Além disso, o advento das mídias sociais oferece uma oportunidade excepcional para penetrar nas mentes de muitos futuros praticantes desatentos, e ficará demonstrado que o Pentágono está ativamente pesquisando formas de potencializar essa ferramenta.

“Propaganda” e “A fabricação de consenso”

A espinha dorsal básica para iniciar e difundir uma revolução colorida é a disseminação da informação entre a população, seja uma demografia específica dela ou a sociedade como um todo. Devido à necessidade de disseminar determinada mensagem (no caso das revoluções coloridas, uma que incentive as pessoas a derrubar o governo), é imprescindível discutir a famosa obra *Propaganda* publicada em

1928 por Edward Bernays.⁴⁰ Como resultado desse livro e da obra de sua vida, o *New York Times* o reconheceu como “Pai das Relações Públicas” e “líder na formação de opinião” em seu obituário.⁴¹ As relações públicas são em grande parte uma fusão dos princípios da publicidade e da projeção à população em massa, ambos os quais figuram proeminentemente na comunicação da mensagem de uma revolução colorida, permitindo concluir que *Propaganda* exerceu importante influência nas revoluções coloridas. Embora seja possível dedicar um livro inteiro à conexão entre Bernays e as revoluções coloridas, por uma questão de espaço, a presente seção só destacará alguns conceitos-chave relevantes e não focará em táticas específicas.

Bernays acreditava que um pequeno número de pessoas em grande parte invisíveis influencia e orienta a forma de pensar das massas, e que essa é a única maneira de manter as aparências de ordem em uma sociedade do contrário caótica. É de se destacar as suas palavras:

O estudo sistemático da psicologia das massas revelou aos alunos as potencialidades do controle invisível da sociedade por manipulação dos motivos que mobilizam o homem em grupo [...] (o qual) tem características mentais diferentes das do indivíduo e é motivado por impulsos e emoções que não podem ser explicados com base no que conhecemos acerca da psicologia individual. Logo, levantou-se naturalmente o questionamento: se entendêssemos o mecanismo e os motivos da mente grupal, não seria possível controlar e reger as massas de acordo com nossa própria vontade sem que elas percebessem?

Essa é justamente a base das revoluções coloridas. A psicologia de um grupo geral e específico (no contexto da civilização/cultura alvo) é estudada para tirar melhor proveito dos métodos para difundir mensagens contra o governo. Aqui, vale chamar atenção para o modelo dos cinco anéis sociais e pessoais do capítulo 1, uma vez que ele ajuda a visualizar a estratégia de amplo alcance dos gestores de relações públicas nos movimentos de revolução colorida.

Bernays também escreve que, graças às vantagens das tecnologias de comunicação instantânea (que tornaram-se ainda mais acentuadas nos dias de hoje com plataformas de mídia social como

Facebook e Twitter), “pessoas com as mesmas ideias e interesses podem associar-se e organizar-se para uma ação conjunta ainda que vivam há milhares de quilômetros umas das outras”. Não só isso, mas ele logo acrescenta que “essa estrutura invisível entrelaçada de grupos e associações é o mecanismo com o qual a democracia organizou sua mente de grupo e simplificou o pensamento em massa”. Mais uma vez, é justamente esse o caso nas revoluções coloridas. Elas reúnem física e virtualmente porções distintas da população que compartilham (ou são trabalhadas para compartilhar) as mesmas ideias contra o governo, e isso ajuda a organizar a mente de grupo (ou mente de colmeia, como será discutido mais adiante neste capítulo) e simplificar o pensamento em massa da sociedade durante o início de uma tentativa de golpe por revolução colorida.

O principal método que Bernays defende para contaminar as massas com ideias de fora é a abordagem indireta (isto é, a aplicação social da teoria de Liddell Hart), que ele discute em seu ensaio de 1947 “The Engineering of Consent” [“A fabricação de consenso”].⁴² Ele instrui que “fábricas de consenso” interessadas deem início a uma pesquisa minuciosa de seus alvos muito antes do início de sua campanha de informação multifacetada. Isso ajudará a entender a melhor maneira de se aproximar do público. As notícias devem ser fabricadas artificialmente para que a campanha de publicidade seja mais eficiente, e os eventos envolvidos devem ser “imaginativos” (isto é, não lineares). Em se tratando das revoluções coloridas, isso explica a grande variedade nas artimanhas promocionais empregados em cada Estado-alvo.

Ele termina seu artigo com uma observação que é de extrema relevância para todas as revoluções coloridas:

Palavras, sons e imagens realizam pouco a não ser que sejam as ferramentas de um plano minuciosamente arquitetado e de métodos cuidadosamente organizados. Se os planos são bem formulados e faz-se uso deles corretamente, *as ideias transmitidas pelas palavras tornam-se parte integrante das próprias populações*. Quando o público é convencido da racionalidade de uma ideia, ele entra em ação [...] [que é] *sugerida pela própria ideia, seja ela ideológica, política ou*

social [...] mas esses resultados não acontecem do nada[...] eles podem ser obtidos principalmente pela fabricação de consenso. (grifo do autor)

Pode-se perceber, portanto, que as revoluções coloridas, tal como as campanhas de publicidade ou relações públicas, não são espontâneas mas sim fabricadas muito de antemão à sua implementação. É a disseminação da informação (“propaganda”) na sua mais cru essência, e as ideias contra o governo devem ser propagadas de maneira coordenada para fabricar consenso em uma parcela apropriada (decisiva) da população para que participe da revolução colorida. Esses indivíduos não tomarão consciência do verdadeiro papel que desempenham nos eventos em desdobramento, mas serão meramente usados como artifício para dar a impressão de apoio unânime ao golpe. Eles também podem agir no papel de “escudos humanos” para proteger os membros centrais da revolução colorida (por exemplo, os próprios organizadores ou insurgentes Pravy-Sektor) contra métodos vigorosos do Estado para dispersar a tentativa de golpe.

O principal objetivo da campanha de informação é que o alvo internalize as ideias que lhe são apresentadas, dando a impressão de que os próprios manifestantes chegaram, por conta própria, às conclusões induzidas de fora. As ideias contra o governo devem parecer espontâneas e não forçadas, dando-se grande ênfase à abordagem indireta para comunicá-las. Se as pessoas perceberem que estão sendo manipuladas por mãos invisíveis, elas rejeitarão em massa a mensagem. Se, contudo, for possível internalizar essa mensagem em uma pessoa e ela começar a difundi-la para seus amigos íntimos e pessoas próximas, que jamais sequer imaginariam que essa pessoa está sob influência involuntária de uma operação psicológica estrangeira, então o vírus de Mann contaminará a sociedade e começará a espalhar as ideias da revolução colorida por conta própria. As próximas seções dissertarão acerca desse assunto mais a fundo lançando mão dos princípios da guerra em rede.

Guerra neocortical reversa

Antes de passar às teorias reais da guerra em rede, é necessário falar das ideias de Richard Szafranski sobre guerra neocortical,⁴³ que servem como ponte entre os ensinamentos de Bernays e as próximas teorias. O autor descreve o seguinte:

A guerra neocortical é uma guerra que esforça-se por *controlar* ou *moldar* o comportamento dos organismos inimigos sem destruí-los. Para tanto, ela *influencia*, até o ponto de regular, a consciência, as percepções e a vontade da liderança do adversário: o sistema neocortical do inimigo. Dito de maneira mais simples, a guerra neocortical tenta penetrar nos ciclos recorrentes e simultâneos de ‘observação, orientação, decisão e ação’ dos adversários. De maneiras complexas, ela esforça-se por munir os líderes do adversário – seu cérebro coletivo – de percepções, dados sensoriais e dados cognitivos projetados para resultar em uma gama de cálculos e avaliações estreita e controlada (ou predominantemente grande e desorientadora). O produto dessas avaliações e cálculos são escolhas do adversário que correspondem às escolhas e resultados que desejamos. Influenciar os líderes a não lutar é imprescindível.” (grifo do autor)

A ideia de Szafranski consiste em usar técnicas de disseminação da informação para moldar indiretamente o “cérebro coletivo” da liderança do inimigo (isto é, o alvo) a fim de influenciá-lo a não lutar (isto é, mudar seu comportamento de conflito). Logo, o inverso dessa guerra neocortical, que é relevante para as revoluções coloridas, é que ele visa o “cérebro coletivo” do grosso da população, não a liderança, e objetiva influenciá-lo indiretamente a se manifestar e tentar derrubar o governo em vez de baixar a cabeça e permanecer na passividade.

O melhor jeito de conseguir isso, disserta o autor, é estudar os valores, a cultura e a visão de mundo dos alvos e, então, abordá-los com programação neurolinguística. Isso porque “a guerra neocortical usa a língua, imagens e informações para atacar a mente [...] e alterar a vontade. Ela é praticada contra nossas fraquezas ou usa nossas virtudes para nos enfraquecer de maneiras inesperadas e imaginativas”. Isso demonstra que a guerra neocortical é inerentemente não linear e possui elementos de caos integrados a ela,

reforçando assim a postulação de que a guerra híbrida é uma versão armatizada da teoria do caos, sendo a guerra neocortical a versão armatizada dos ensinamentos de Bernays. Além disso, no que diz respeito à reprogramação neurolinguística e ao direcionamento ao indivíduo, uma das maneiras contemporâneas mais eficientes de fazê-lo é usando as mídias sociais e as teorias da guerra em rede e guerra centrada em rede.

Guerra centrada em rede social

Em 1998, o Vice-Almirante Arthur Cebrowski e John Garstka publicaram um artigo conjunto sobre “Network-Centric Warfare: Its Origin and Future” [“Guerra centrada em rede: origem e futuro”].⁴⁴ Embora lidem mais com aspectos do *hardware* tecnológico nas comunicações e estratégias de batalha para seu próprio uso, o tema da guerra centrada em rede é muito pertinente para as revoluções coloridas quando adaptado a um contexto social. Por exemplo, Leonid Savin teceu comparações estruturais entre a Primavera Árabe, a aplicação social da guerra centrada em rede, e a teoria do caos.⁴⁵

De volta ao artigo discutido, os autores fazem referência à lei de Metcalfe ao afirmar que “o ‘poder’ de uma rede é proporcional ao quadrado de nós nela. O ‘poder’ ou ‘benefício’ da computação centrada em rede advém de interações ricas em informação entre números enormes de nós computacionais heterogêneos na rede”. Eles também afirmam que “no nível estrutural, a guerra centrada em rede requer uma arquitetura operacional com três elementos fundamentais: grades de sensor e grades de transação (ou engajamento) hospedadas por uma espinha dorsal da informação de alta qualidade”.

Adaptando isso para as redes sociais humanas, os nós tornam-se os indivíduos que participam da revolução colorida e seu “poder” agregado para praticar a tentativa de golpe cresce na medida em que interagem primeiramente através das redes sociais e, então, pessoalmente após a revolução colorida ter início. Quanto à grade

de sensor, esta torna-se o ponto de contato inicial através do qual o indivíduo é munido das informações contra o governo. Ela pode ser virtual, por meio de computadores e celulares, ou físico, por meio da interação direta com uma ONG. A grade de transação ou engajamento é o catalisador para a ação, e, nessa comparação, equivale às redes de mídia social que organizam os participantes da revolução colorida e disseminam o chamado à ação. Por fim, a espinha dorsal da informação de alta qualidade que sustenta todo o aparelho é a campanha de informação externa influenciada pelos ensinamentos de Bernays e aperfeiçoada pela abordagem de guerra neocortical de Szafranski.

Guerra social em rede

John Arquilla e David Ronfeldt da RAND Corporation publicaram um livro em 1996 chamado *The Advent of Netwar (O advento da guerra em rede)*.⁴⁶ Eles propuseram haver um novo tipo de conflito social no horizonte, no qual redes “sem líderes” compostas principalmente por atores desvinculados do Estado se aproveitariam da revolução da informação (isto é, da Internet) para travar uma luta amorfa de baixa intensidade contra o *Establishment*. Eles resumiram essa obra no primeiro capítulo de seu livro de 2001 *Networks and Netwars (Redes e guerras em rede)*,⁴⁷ afirmando que o termo em si:

refere-se a um modo emergente de conflito (e crime) nos níveis sociais, salvo guerras militares tradicionais, em que os protagonistas usam formas de organização em rede e doutrinas, estratégias e tecnologias relacionadas afinadas com a era da informação. Esses protagonistas provavelmente serão organizações dispersas, pequenos grupos e indivíduos que se comunicarão, coordenarão e conduzirão suas campanhas de uma maneira conectada via Internet, geralmente sem um comando central preciso.

Com clara influência de Bernays nesse conceito, eles descrevem que as guerras em rede focariam no poder brando, em especial em “operações de informação” e “administração das percepções”.

Numa clara demonstração de contribuições da teoria do caos e da abordagem indireta de Liddell Hart, eles afirmam que essa forma de guerra encontra-se “na extremidade menos militar, de baixa intensidade e social do espectro” porque é mais “difusa, dispersa, multidimensional, não linear e ambígua”.

Eles identificam três tipos de formações em rede:



Rede em cadeia



Rede em estrela

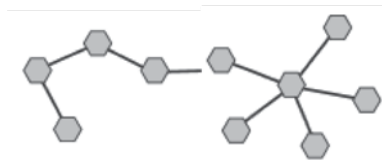


Rede multicanal

Uma rede em cadeia possui um comando centralizado, a versão em estrela é compartimentada e pode constituir uma célula dentro de uma rede maior, e a rede multicanal satisfaz o modelo de “descentralização tática”, que ocorre quando “os membros não têm que recorrer a uma hierarquia porque ‘eles sabem o que têm que fazer’”. Isso faz das unidades individuais “uma só mente” e impõe um desafio extremamente difícil de ser contraposto por causa de todo o “turvamento” entre ações ofensivas e defensivas. Os autores dissertam sobre como a guerra em rede “tende a desafiar e transcender as fronteiras, jurisdições e distinções padrão entre Estado e sociedade, público e privado, guerra e paz, guerra e crime, civil e militar, polícia e Forças Armadas, e legal e ilegal”. Eles atribuem isso até certo ponto à guerra neocortical de Szafranski, discutida na seção anterior, reconhecendo que ela pode “confundir as crenças fundamentais do povo acerca da natureza de sua cultura, sociedade e governo, em parte para instigar medo mas, por que não, principalmente para desorientar o povo e perturbar suas percepções”, o que, portanto, dá a ela “um forte teor social”.

A guerra híbrida entende a guerra social em rede da mesma forma que Arquilla e Ronfeldt, mas propõe uma combinação dos três tipos de formação em rede para as revoluções coloridas.

O modelo em cadeia é a primeira parte da rede do movimento de revolução colorida. Ela começa no exterior com a decisão de derrubar um governo não submisso estrategicamente localizado. Essa é a primeira etapa. Depois disso, a decisão passa à hierarquia administrativa até chegar ao nó de planejamento. Nessa fase, uma rede em estrela começa a tomar forma. Por exemplo, os quartéis-generais de várias organizações (CIA, Pentágono) começam a fazer um *brainstorm* de métodos para pôr suas ordens em prática e então ramificam-se para criar ou conectar-se a “nós ativos” que ajudem a cumprir essas ordens. Daí, eles também podem enfim juntar forças com nós autônomos institucionais (*think tanks*) que já produziram pesquisas sobre as perspectivas de troca de regime e/ou publicações sobre os funcionamentos sócio-cultural-civilizacionais do país-alvo.

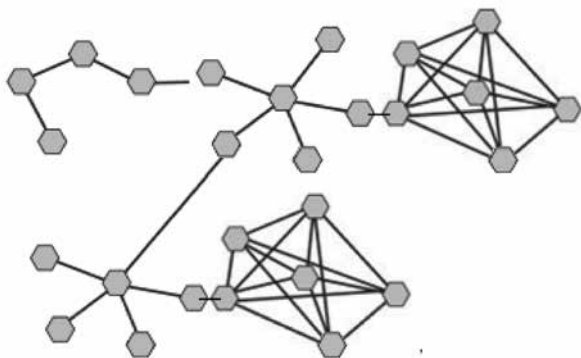


(da decisão ao planejamento)

Durante a fase de planejamento, os organizadores externos examinam, então, as redes multicanal existentes que definem o ambiente social do alvo. Isso permite compreender melhor as interações que regem a sociedade e seus diferentes segmentos. Assim que os organizadores externos se sentem confortáveis o bastante com as informações que apreenderam, eles tentam penetrar na sociedade-alvo através de meios ou físicos (em campo) ou virtuais (via Internet). Para a primeira categoria, esses seriam agentes de inteligência reais em campo cujo objetivo é montar o movimento da revolução colorida, ao passo que, no segundo caso, esses seriam o contato *online* com simpatizantes ou dissidentes favoráveis (que, por sua vez, pode se transformar em contato físico). Esses indivíduos podem ou não ter conhecimento de que estão interagindo com os serviços de inteligência de outro país,

mas o que importa é que eles sejam participantes e organizadores convictos da destabilização futura.

O mais provável é que uma abordagem híbrida com ambos os aspectos físico e virtual seja adotada. Esses indivíduos (agentes de inteligência em campo e/ou simpatizantes/dissidentes entrincheirados) servem como os nós de ponto de contato (PDC) que são incumbidos de criar suas próprias redes em estrela e multicanal através de redes sociais *online* ou ONGs físicas. À medida que mais líderes organizacionais são recrutados, novos nós PDC's comunicando-se (seja de maneira consciente ou não) com a agência de inteligência estrangeira possivelmente surgirão. O objetivo consiste em aumentar exponencialmente o número de nós, de acordo com a lei de Metcalfe, para maximizar a rede social e alimentar a energia e *momentum* sociais do movimento golpista.



(exemplo do modelo multidimensional)

Como se pode ver, o modelo rapidamente torna-se muito complexo, mas, como disse Mann em *Chaos Theory and Strategic Thought* (Teoria do caos e pensamento estratégico),⁴⁸ “os padrões podem ser previstos até mesmo em sistemas debilmente caóticos”, e a ilustração acima é um exemplo disso. Usando a abordagem visual, pode-se perceber que a rede assume a aparência de moléculas formando uma célula biológica. Prosseguindo com a metáfora, da

mesma forma que a célula dá vida ao organismo, a “célula” de uma rede social totalmente interconectada dá vida à revolução colorida.

Quanto mais removidas as redes multicanal se tornam da rede em estrela da agência de inteligência, é menos provável que cada indivíduo atuando como “eixo motriz”, por assim dizer, perceba a origem do movimento, tampouco que ele e sua participação estão sendo orquestrados por uma agência de inteligência estrangeira. Se tudo for suficientemente bem organizado e houver um intercâmbio fluido de entrada e saída (comandos e retroalimentação) trafegando através da rede, então os nós ativos dentro do Estado-alvo tornam-se todos “uma só mente”. A aplicação tática disso no contexto das revoluções coloridas é algo chamado de “enxame”, e ambos os autores escreveram um livro sobre esse tema em 2000.⁴⁹ Todavia, o enxame será tratado mais a fundo adiante no capítulo, bem como a interpretação estratégica do objetivo de “uma só mente” (a mente de colmeia) para as guerras híbridas.

Estudo de caso do Facebook

A plataforma de mídia social Facebook oferece talvez o melhor estudo de caso das teorias e estratégias supramencionadas em ação em um ambiente virtual. Brett Van Niekerk e Manoj Maharaj escreveram um artigo em 2012 para o *International Journal of Communications* sobre “Social Media and Information Conflict” (“As mídias sociais e o conflito da informação”).⁵⁰ Nele, eles afirmam que o Facebook se tornou sinônimo de Web 2.0 gerada pelo usuário. Ele foi usado para organizar protestos em larga escala e realizar operações de influência em todo o mundo. Visto que o Facebook lida com a administração das percepções e engenharia social, ele tem, portanto, utilidade como ferramenta para operações psicológicas. Em aditamento, os autores mencionam como as organizações de inteligência podem encontrar informações valiosas acerca de alvos em potencial através de seus perfis no Facebook e em outras mídias sociais.

Essa mineração de dados não é nova nem surpreendente. O Facebook acompanha, armazena e traça o perfil dos gostos e preferências de seus usuários para melhorar sua “publicidade dirigida” e, há pouco, também começou a acessar o histórico de navegação deles para ajudar nessa missão.⁵¹ Assim como a economia influenciou a teoria da guerra centrada em rede,⁵² a teoria da guerra híbrida sugere que ela também influenciou a aplicação da guerra social em rede nas revoluções coloridas. Os usuários do Facebook criam voluntariamente seu próprio perfil psicológico através de informações que publicam voluntariamente, das curtidas que produzem e dos amigos e grupos *online* aos quais se associam. As agências de inteligência podem então usar o fenômeno do *Big Data* para organizar, filtrar e acompanhar o perfil macrossocial do povo em países alvo a fim de potencializar seus mecanismos de projeção a eles. A “publicidade dirigida” pelo movimento das revoluções coloridas imita a do próprio Facebook, embora para fins políticos em vez de econômicos. Essa teoria pode justificar até mesmo as explicações de segurança dadas pela China e outros países para banir o Facebook.

Contudo, as organizações de inteligência não são meros usuários passivos das mídias sociais, contudo, uma vez que comprovadamente empregam ativamente esse meio em operações de engenharia social. Niekerk e Maharaj documentam como as Forças Armadas dos EUA estavam usando o *software* Persona para criar dez contas de mídia social marionete por pessoa, gerando “potencial para ampliar a influência psicológica que um pequeno grupo de operadores ocultos pode exercer em um público maior”. Embora o objetivo disso fosse “gerar consenso favorável aos Estados Unidos sobre questões controversas”, os autores sugerem que isso também poderia ser usado para “instigar protestos e primaveras populares” (isto é, revoluções coloridas).

Acontecimentos recentes sugerem que instigar a agitação civil e fomentar uma mente de colmeia em Estados-alvo são os verdadeiros objetivos por trás do envolvimento encoberto do go-

verno dos EUA no Facebook e em outras redes sociais. A Russian Telegraph (RT) divulga que o Facebook realizou experimentos psicológicos secretos em mais de meio milhão de usuários para “estudar como os estados emocionais são transmitidos pela plataforma”.⁵³ O estudo foi chamado de “Experimental evidence of massive-scale emotional contagion through social networks” (“Evidência experimental do contágio emocional em larga escala através das redes sociais”) e chegou a essa mesma conclusão, a saber, que “as emoções espalham-se por contágio através de uma rede”, aumentando assim o poder de uma organização de inteligência para fabricar uma mente de colmeia a nível social (que será discutida na próxima seção).

Fatalmente, foi revelado logo depois que a pesquisa secreta do Facebook estava ligada, por um de seus autores e instituições, à “Iniciativa de Pesquisa Minerva do Pentágono”. Esse projeto oferece fundos a pesquisadores que estudam a conexão entre as mídias sociais e a agitação civil. O autor em questão, Jeffrey Hancock, descreve-se na página da Universidade de Cornell como interessado nas “dinâmicas psicológicas e interpessoais das mídias sociais, fraude e linguagem” e já recebeu fundos da Minerva para conduzir pesquisas tais como “Modeling Discourse and Social Dynamics in Authoritarian Regimes” (“Discurso modelador e dinâmica social em regimes autoritários”) e “Known Unknowns: Unconventional Strategic Shocks in Defense Strategy Development” (“Desconhecidos conhecidos: choques estratégicos não convencionais no desenvolvimento da estratégia de defesa”). A Universidade de Cornell já cooperou com a Iniciativa Minerva para prever “a dinâmica de mobilização e propagação dos movimentos sociais” e desejava “prever ‘a massa crítica [ponto de virada]’ da agitação e reviravolta sociais estudando suas ‘pegadas digitais’ com base em uma série de eventos recentes”.

A bem da verdade, a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa (Darpa) do Pentágono investe milhões de dólares para financiar outras pesquisas semelhantes para seu programa

de Mídias Sociais e Comunicações Estratégicas (SMISC).⁵⁴ O artigo da RT traz uma citação do site da Darpa que diz que “com o programa, a Darpa busca desenvolver ferramentas para apoiar os esforços de operadores humanos no contra-ataque a campanhas de desinformação ou fraudulentas com informações verdadeiras”. Considerando o que já foi discutido sobre como as mídias sociais e redes *online* podem ser usadas para operações psicológicas, ao que parece, a declaração da Darpa não está revelando toda a verdade. Em vez de ser usado para a defesa, como a Darpa dá a entender, seu programa SMISC também pode ser usado ofensivamente para infectar o público destinatário com ideias contra o governo através de mídias sociais e plataformas de rede como o Facebook. Isso pode ser usado para fabricar uma mente de colmeia que pode ser manipulada para dar início a agitação civil em larga escala na hora certa, que, uma vez notada pela mídia internacional (Ocidental), torna-se uma “revolução colorida”.

Os enxames e a mente de colmeia

Mencionou-se nas seções acima que o grande objetivo da inteligência estrangeira ao infiltrar-se nas redes sociais é criar uma mente de colmeia. Essa mente de colmeia faz então com que seus membros formem um enxame contra o alvo de maneira aparentemente caótica a fim de abalar o ciclo OODA e levá-lo ao colapso. No contexto da guerra híbrida, essas são as massas insurgindo contra os centros simbólicos e administrativos de poder das autoridades como um enxame unificado (se descentralizado) a fim de provocar a troca de regime pela lei da aglomeração (isto é, caos organizado e dirigido).

De acordo com a pesquisa do livro até aqui, ficou demonstrado que as mentes de colmeia podem ser fabricadas por organizações de inteligência estrangeiras através de plataformas de mídia social e princípios da guerra em rede. As técnicas de “relações públicas” advogadas pela primeira vez por Bernays são extensivamente

colocadas em prática nos mundos virtual e físico para permitir que isso aconteça. A finalidade disso tudo é reunir o máximo possível de pessoas que vieram indiretamente a compartilhar das mesmas convicções contra o governo. É imprescindível que esses indivíduos também sejam “programados” por meio das táticas de guerra neocortical reversa para que desejem ativamente provocar a mudança quando a decisão de iniciar a revolução colorida for tomada. Graças a esses meios, partes díspares tornam-se “uma só mente” e podem ser mobilizadas como uma unidade.

Essa mente de colmeia também pode ser chamada de consciência coletiva ou inteligência de enxame dependendo se sua mobilização é, respectivamente, passiva ou ativa. A consciência coletiva é definida por Anna Piepmeyer da Universidade de Chicago como “a condição do sujeito dentro da sociedade como um todo, e como qualquer dado indivíduo vem a se perceber como parte de dado grupo”.⁵⁵ A autora prossegue elaborando que a consciência coletiva é “o afeto/efeito em e dentro de qualquer dado público cujos pensamentos e ações são constantemente mediados por pressões externas”, a guerra híbrida tomando essas pressões externas no sentido específico de influência de organizações de inteligência estrangeiras dedicadas a promover agitação civil com vistas à troca de regime dentro de um Estado/sociedade-alvo. Uma importante descoberta de Piepmeyer é que “a consciência coletiva é um termo muito propício para os teóricos da mídia porque postula um, senão o, efeito das mídias – cuja função primordial mais ampla consiste em transportar/transmitir/interpretar/reificar mensagens/informações de um lugar a outro”. Tudo isso está de acordo com o entendimento da guerra híbrida sobre o papel das mídias sociais em gerar artificialmente discordância contra um governo.

A mente de colmeia torna-se ativa quando seus membros participam de uma ação contra o governo, daí a transição para a inteligência de enxame. Gianni Di Caro da Universidade de Washington diz que ela é “uma metáfora computacional

e comportamental recente [...] que originalmente teve como inspiração os exemplos biológicos proporcionados por insetos sociais (formigas, térmitas, abelhas, vespas) e pelos comportamentos de enxame, rebanho e manada nos vertebrados”.⁵⁶ O sintagma “inteligência de enxame” foi usado pela primeira vez para descrever a inteligência artificial inspirada no comportamento de certos insetos, mas também aplica-se relevantemente a seres humanos operando dentro de uma rede social. Arquilla e Ronfeldt escreveram sobre o assunto em 2000 quando publicaram “Swarming and the Future of Conflict” (“A formação de enxames e o futuro dos conflitos”).⁵⁷ Em seu livro, os pioneiros da guerra em rede descrevem o método de guerra da formação de enxames da seguinte maneira:

Os enxames são aparentemente amorfos, mas são uma forma deliberadamente estruturada, coordenada e estratégica para atacar de todos os lados, através de uma pulsação sustentável de força e/ou fogo tanto de perto quanto de longe. Eles funcionarão melhor – quiçá só funcionarão – se forem desenvolvidos principalmente em torno da mobilização de unidades de manobra inúmeras, pequenas, dispersas e interconectadas (o que chamamos de “bandos” organizados em “aglomerados”).

Eles afirmam assertivamente que “o advento de operações de informação avançadas trará a formação de enxames à tona, estabelecendo um novo padrão de conflito”. Além disso, eles defendem que “operações de informação (IO) ligeiras – em especial o setor das operações de informação que lida com a administração dos próprios fluxos de informação – se farão necessárias para a consolidação da formação de enxames”. O que isso significa é que a guerra de quarta geração, a revolução da informação e a guerra em rede, são todas combinadas para estabelecer a tática da formação de enxames, que representa o epítome da teoria do caos armatizada em formato social. Decerto, isso também tem aplicações militares, mas estas serão discutidas no capítulo 3 quando o pilar de guerra não convencional da guerra híbrida for examinado.

Os enxames e as revoluções coloridas

Voltando agora às revoluções coloridas, Engdahl vê a formação de enxames claramente como uma tática-chave usada para provocar com êxito as revoluções coloridas em seu já mencionado trabalho *Full Spectrum Dominance: Totalitarian Democracy in the New World Order (Dominação de espectro total: democracia totalitária na nova ordem mundial)*.⁵⁸ Ele vê as redes e a tecnologia como ingredientes centrais para a formação de enxames. Ao escrever sobre a Revolução Bulldozer de 2000* na Sérvia, o primeiro caso de revolução colorida, ele declara:

As táticas não violentas com que a juventude da Otpor! foi treinada, ao que consta, foram baseadas na análise da RAND corporation sobre os métodos de guerra de Ghengis Khan atualizados para as tecnologias de rede modernas que interconectam as pessoas como abelhas em um enxame. Usando imagens de satélite GPS, agentes especiais puderam direcionar seus líderes, selecionados a dedo e especialmente treinados, em solo para dirigir protestos relâmpago ‘espontâneos’ que sempre fugiam à polícia ou às Forças Armadas.

Ele continua observando que:

O que o golpe de Belgrado contra Milošević teve de novidade foi o uso da Internet – em especial das salas de bate-papo, troca de mensagens instantâneas e blogs – junto com telefones móveis ou celulares, incluindo troca de mensagens de texto SMS. Usando esses recursos de alta tecnologia que só surgiram em meados dos anos 1990, um punhado de líderes pôde dirigir com presteza a juventude rebelde e sugestionável da ‘Geração X’ para dentro e para fora de protestos de massa a seu bel-prazer.

Essa observação corrobora que as redes, organizadas e ativamente mobilizadas por meios tecnológicos, podem evoluir para células de enxame que desestabilizam a sociedade com vistas a derrubar governos alvo. Isso faz de suas táticas indiretas e caóticas, minando o ciclo OODA das autoridades e dando a iniciativa estratégica de bandeja para os enxames ofensivos. Hoje em dia, o

* Referência à derrubada do presidente sérvio Slobodan Milošević em 2000. (N.E.)

Google Maps, YouTube, Facebook e Twitter são partes integrantes do “arsenal” que os guerreiros híbridos empunham, sendo os dois últimos especificamente reconhecidos por ter ajudado a concretizar os eventos da Primavera Árabe.⁵⁹ É assim que a teoria das guerras híbridas vê essas quatro plataformas sociais, todas disponíveis em telefones celulares modernos, trabalhando em conjunto para desestabilizar caoticamente a sociedade e ajudar na formação de enxames:

O Facebook é o portal para reunir e fazer propaganda do movimento de revolução colorida. Ele recruta apoiadores e permite a criação de grupos fechados nos quais ativistas contra o governo podem se encontrar e discutir suas estratégias virtualmente. Uma vez tomada a decisão de iniciar a revolução colorida, o Google Maps é usado para planejar rotas de protesto, localizar áreas públicas (tipicamente parques) onde os ativistas podem se organizar de antemão e identificar os melhores lugares para o enxame de manifestantes reunir-se (Maidan, no caso da Ucrânia). Durante o combate urbano contra os serviços de segurança, o Google Maps pode rapidamente exibir rotas de fuga para os combatentes e ajudá-los a elaborar estratégias para seus ataques. Essas informações, incluindo a difusão de mensagens de qualquer natureza a todos os membros do movimento, podem ser transmitidas instantaneamente via Twitter. Por fim, os ativistas podem filmar os procedimentos com seus telefones celulares e publicar vídeos favoráveis ao movimento (e potencialmente enganosos e/ou editados) no Youtube. Eles podem então usar as mesmas contas no Twitter e Facebook, ou outras, para fazer propaganda de seus vídeos na Internet na tentativa de obter o máximo de visualizações possível. As *hashtags* ajudam a organizar as informações para que seja possível recuperar resultados com rapidez, além de facilitar a busca no Google e em outros algoritmos de busca. O objetivo é fazer com que o movimento da revolução colorida torne-se “viral”, ganhando exposição internacional (no Ocidente) e, com isso, abrindo espaço para que os EUA e outros governos façam

declarações públicas e tentem diplomaticamente se envolver nos assuntos soberanos de um Estado independente em meio ao alarde público nacional em favor. De acordo com a abordagem adaptativa delineada na Introdução, isso pode levar, em última análise, a uma operação militar, mas é importante reconhecer que toda essa desestabilização deve sua gênese ao papel das mídias sociais.

As táticas e a prática das revoluções coloridas

Esta seção discute algumas das técnicas das revoluções coloridas na prática. Ela mune o leitor de conhecimento acerca do que acontece fisicamente nas ruas uma vez que uma revolução colorida tem início.

“O Maquiavel da não violência”

Gene Sharp, sozinho, talvez seja o maior responsável pelo sucesso das revoluções coloridas. Considerado “o Maquiavel da não violência”,⁶⁰ ele descreve extensamente como métodos não violentos podem ser usados para desestabilizar um governo e minar sua autoridade. Acreditando estar em uma missão épica para liberar todos os povos do mundo do que vê como ditadura e autocracia,⁶¹ Sharp dedica sua vida a bolar técnicas não violentas inovadoras e perturbadoras que os revolucionários coloridos podem usar para grande efeito. Sua obra mais célebre foi *Dictatorship to Democracy: A Conceptual Framework for Liberation [Da ditadura à democracia: uma estrutura conceitual para a libertação]*,⁶² a qual, de acordo com Sharp, foi inspirado a escrever para derrubar o governo da Birmânia em 1993. Nela, ele sugere ideias especializadas para organizar grupos de resistência não violenta destinados a derrubar um governo e também disserta sobre o que vê como as vulnerabilidades institucionais de fortes governos centralizados (“ditaduras”). O ex-coronel do Exército dos EUA Robert Helvey cooperou com Sharp e é, inclusive, creditado por ele na criação do conceito de “desobediência política em massa”. As informações são

muito detalhadas e extensas para incluir neste livro e, portanto, recomenda-se que os interessados deem uma olhada no livro de Sharp por conta própria para captar o âmbito estratégico dessa obra. Ainda assim, alguns trechos merecem destaque:

Em algumas questões básicas não deve haver qualquer compromisso. Só uma mudança nas relações de poder em favor dos democratas pode proteger adequadamente as questões básicas em jogo. Tal mudança ocorrerá por meio da luta, não das negociações.

[...] a retirada de colaboração popular e institucional com os agressores e os ditadores diminui, e pode até cortar a disponibilidade das fontes de poder de que todos os governantes dependem. Sem disponibilidade dessas fontes, o poder dos governantes enfraquece e, finalmente, se dissolve.

A luta não violenta é um meio muito mais complexo e variado que a violência. Em vez disso, a luta é travada por armas psicológicas, sociais, econômicas e políticas aplicadas pela população e as instituições da sociedade.

Os estrategistas precisam lembrar que o conflito em que a rebelião política é aplicada é um campo de luta em constante mudança, com interação contínua de ações e reações. Nada é estático.

Não cooperação e rebelião em massa podem, assim, mudar situações sociais e políticas, especialmente as relações de poder, em que a capacidade dos ditadores de controlar os processos econômicos, sociais e políticos de governo e a sociedade é de fato retirada.

O efeito cumulativo de campanhas de rebelião política bem conduzidas e bem-sucedidas é o de reforçar a resistência e estabelecer e expandir as áreas da sociedade, onde a ditadura enfrenta limites ao seu controle efetivo.

Como se pode ver, *Da ditadura à democracia* é o manifesto e o chamado não violento às armas para revolucionários coloridos de todo o mundo.

O manual de campo das revoluções coloridas

Aproveitando o sucesso de uma década de *Da ditadura à democracia* e sua aceitação difundida por grupos subversivos ao redor do mundo, Sharp escreveu uma continuação em 2003 intitulada

There Are Realistic Alternatives [*Existem alternativas realistas*].⁶³ Ao passo que seu primeiro livro era o manifesto e a estratégia, este pode ser considerado o plano de ação e as táticas, traçando 198 métodos específicos de resistência não violenta⁶⁴ nos quais pensou e/ou viu em ação previamente. A maioria deles trata-se de técnicas de desobediência em massa convencionais que, a essa altura, já são bem conhecidas dos observadores das revoluções coloridas:

- 1. Discursos Públicos
- 7. Slogans, caricaturas e símbolos
- 38. Marchas
- 47. Assembleias de protesto ou de apoio
- 63. Desobediência social
- 124. Boicote às eleições
- 131. Recusa em aceitar funcionários nomeados
- 173. Ocupação não violenta
- 183. Ocupação de terra não violenta
- 198. Dupla soberania e governo paralelo
- Outras são, no mínimo, mais inovadoras:
- 12. Mensagens no céu e em terra
- 22. Protestos nus
- 30. Gestos obscenos
- 32. Desacato a autoridades
- 44. Representação de funerais
- 69. Desaparecimento coletivo
- 140. Esconderijo, fuga e identidades falsas
- 158. Autoexposição aos elementos
- 159. Greve de fome
- 178. Teatros de guerrilha

Essas e outras técnicas compõem os métodos não violentos de resistência que os revolucionários coloridos lançam mão, mas vale lembrar que medidas de guerra não convencional violentas (em especial nos casos da crise na Síria e do EuroMaidan) também são comumente empregadas por insurgentes urbanos em sua cruzada contra o governo. A maior parte dos métodos ativos que

os membros das revoluções coloridas praticam, especialmente os violentos, torna-se mais eficiente com a formação de enxames.

A aplicação dos ensinamentos de Sharp pode ser vista em todas as revoluções coloridas até hoje, o que foi observado inclusive por Engdahl. No que talvez não seja uma coincidência, a *Voice of America*, financiada pelo governo dos EUA e antigamente pela CIA, rapidamente deu crédito a Sharp por influenciar os eventos da Primavera Árabe no dia 5 de junho de 2011.⁶⁵ Importante considerar que isso não foi dado como uma opinião, mas sim como uma “notícia” real. O *Telegraph* repetiu o mesmo um mês depois⁶⁶ e, então, em setembro de 2011, um documentário sobre sua vida e obra chamado *Como começar uma revolução* foi lançado, que também deu continuidade a essa narrativa.⁶⁷ No ano seguinte, essa narrativa ganharia eco na CNN⁶⁸ e no *New York Times*.⁶⁹ Fica muito claro o desejo da mídia ocidental em divulgar que a literatura de Sharp foi muito influente nas revoluções coloridas generalizadas que ganharam a alcunha de “Primavera Árabe”.

Para colocar tudo isso em uma perspectiva geopolítica, é necessário recordar os conceitos de balcãs eurasiáticos, *rimland* e *shatterbelt* do capítulo 1. Se colocadas em um mapa, as localizações das revoluções coloridas tradicionais e da Primavera Árabe (que a Conferência de Moscou sobre Segurança Nacional de 2014 identificou como uma onda de revoluções coloridas) corroboram essas teorias geopolíticas. Logo, as publicações de Sharp foram colocadas em prática com sucesso em algumas das áreas mais politicamente voláteis do mundo para levar a cabo a desestabilização caótica e a troca de regime. Isso prova ainda a irônica letalidade que seus métodos “não violentos” tiveram para governos legítimos, para não falar nos danos pessoais colaterais que exportaram indiretamente para a Síria e a Ucrânia.

Célebres profissionais das revoluções coloridas

Há dois célebres funcionários do governo dos EUA que devem ser mencionados em se tratando da prática das revoluções colo-

ridas: John Tefft e Frank Archibald. Esses dois estão fortemente associados a esse pilar da guerra híbrida, em que a influência de ambos foi profunda.

John Tefft

O primeiro é John Tefft, o novo embaixador dos EUA na Rússia. Antes de sua mais recente posição, ele ocupou alguns cargos proeminentes durante momentos-chave. A *Voice of Russia* detalhou seu histórico e informa que ele foi chefe de missão adjunto na Embaixada dos EUA em Moscou de 1996 a 1999,⁷⁰ entre a Primeira e Segunda guerras da Chechênia. Em seguida, ele atuou como embaixador dos EUA na Lituânia entre 2000 e 2003 enquanto o país se preparava para ingressar na UE e na OTAN em 2004. Depois disso, ele deu uma pausa na diplomacia e atuou por um ano como conselheiro de assuntos internacionais no National War College em Washington, DC., de 2003 a 2004. De volta à sua função como embaixador, ele trabalhou na Geórgia de 2005 a 2009. Isso é particularmente interessante uma vez que coincide com a guerra Russo-Georgiana de 2008, e, como se não bastasse, a Geórgia foi um importante Estado cliente dos EUA para a importação de armas⁷¹ e participação nas guerras do Afeganistão e Iraque.⁷²

Mais relevante ao livro, contudo, é a nomeação de Tefft como embaixador dos EUA na Ucrânia de 2009 a 2013. Foi durante esse período que a revolução colorida contra Viktor Yanukóvytch, que voltou à presidência em 2010, foi preparada. No mesmo artigo sobre o histórico de Tefft, a *Voice of Russia* perguntou a Dmitry Polikanov, Vice-Presidente do PIR Center e Presidente do Dialogue International Club, o que ele pensava sobre o novo embaixador dos EUA na Rússia. Ele respondeu o seguinte:

Por um lado, o embaixador Tefft tornou-se notório em Moscou por seu profundo envolvimento nos assuntos domésticos da Geórgia e Ucrânia. Muitas autoridades russas não se esquecerão de algumas de

suas declarações anteriores nem de seu currículo como conselheiro na ‘Revolução Laranja’ e, portanto, ao que tudo indica, ele não gozará de nada além de comunicações secas e formais. Além disso, embora Michael McFaul tenha sido chamado supostamente de um dos ‘teóricos da mudança’, *John Tefft estava no centro da prática de mudança na Geórgia e Ucrânia.* (grifo do autor)

Isso demonstra que Tefft pode, portanto, ser chamado de profissional da mudança via revolução colorida na antiga periferia soviética uma vez que apoiou o governo Rose na Geórgia durante sua guerra contra a Rússia e ajudou a concretizar a derrubada de Yanukóvytch. Esses dois países são importantes postos geopolíticos de influência dos EUA perto das fronteiras da Rússia (em especial à luz dos contextos geopolíticos explorados no capítulo 1), elevando assim ainda mais a importância de Tefft. Além disso, considerando a relativamente rápida substituição da influência russa na Ucrânia pela dos EUA e OTAN desde o golpe de fevereiro (sendo a importante exceção a reunificação da Crimeia), ele pode ser visto como muito eficiente na prática de suas funções anti-Rússia. Sem sombra de dúvida, a nomeação de Tefft como embaixador dos EUA é a recompensa por seu histórico de intensa promoção da política externa dos EUA na antiga esfera soviética. Pode ser até mesmo que ele esteja planejando organizar a infraestrutura necessária para praticar uma futura revolução colorida na Rússia.

Frank Archibald

Frank Archibald foi chefe do Serviço Nacional Clandestino da CIA (NCS), o ramo da agência encarregado de operações secretas, até o início de 2015. Essas operações podem variar de golpes (revoluções coloridas) a assassinatos. Não se sabe muito sobre Archibald além de um breve pano de fundo de seu histórico divulgado pela *Newsweek Magazine* em outubro de 2013,⁷³ quase meio ano após sua nomeação. Foi em maio de 2013 que um ex-repórter da *Washington Post* expôs a identidade de Archibald como novo líder da

NCS no Twitter, e o artigo da *Newsweek* destinava-se a oferecer algum material de pano de fundo vago só para constar como seu histórico de carreira. O fato mais importante e crítico mencionado foi que a *Associated Press* afirmou que ele foi “o homem das armas” durante a guerra civil Bósnia e “coordenou a ação secreta que ajudou a remover o presidente sérvio Slobodan Milošević do poder”. A importância disso não pode ser exagerada. Porém, quando um especialista em campanhas paramilitares e revoluções coloridas, coincidentemente um indivíduo que concretizou a primeira revolução colorida de sucesso na história, sobe ao topo do NCS, então todo e qualquer movimento de revolução colorida deve ser legitimamente colocado sob suspeita de ser uma operação da CIA, assim como qualquer guerra não convencional que apoie os interesses dos EUA. A nomeação de Archibald também demonstra que esses métodos possivelmente se tornarão mais difundidos e comumente empregados pelos EUA do que nunca.

Conclusão do capítulo

Este capítulo explorou a gênese teórica das revoluções coloridas e sua aplicação nos dias de hoje. Ficou demonstrado que as revoluções coloridas devem seus fundamentos básicos às técnicas de psicologia das massas que Edward Bernays elaborou pela primeira vez em *Propaganda*. Isso porque as revoluções coloridas tratam, antes de mais nada, e sobretudo, de disseminar certa mensagem (por exemplo, contra o governo) para um vasto público, e é aí que os ensinamentos de Bernays melhor se aplicam. Vale lembrar que essa mensagem é externa em sua origem e desenvolvida para manchar a autoridade do governo alvo. Ela mira a psiquê do indivíduo para motivá-lo a lutar, assumindo as características de uma guerra neocortical reversa. Em larga escala, e com o auxílio dos novos avanços da tecnologia da informação e dos meios de comunicação, ela se transforma em uma guerra em rede e centrada em rede. O objetivo é conseguir que um grande número de pessoas faça parte

da rede social do movimento de revolução colorida e espalhe a ideia da mesma forma que um vírus espalha sua infecção em um sistema biológico ou tecnológico.

As Forças Armadas dos EUA e as empresas privadas de tecnologia (no estudo de caso específico do livro, o Facebook) uniram forças para potencializar o efeito da guerra social em rede no século XXI. O objetivo é criar uma mente de colmeia de incontáveis indivíduos que dedicam-se na cruzada contra o governo e tornam-se “uma só mente”. A colmeia pode ser então manipulada para investidas táticas em enxame que são a manifestação da teoria do caos armatizada e contra as quais é extremamente difícil para as autoridades se preparar e repeli-las. Os métodos de Gene Sharp são usados em peso durante essa fase dos enxames e oferecem maneiras inovadoras para que estes desestabilizem a sociedade. Essa abordagem padronizada foi observada em toda revolução colorida e durante a revolução colorida em larga escala conhecida como “Primavera Árabe”. Além disso, a era das revoluções coloridas está longe de acabar, uma vez que dois de seus mais proeminentes profissionais foram promovidos a algumas das posições mais importantes no governo dos EUA: John Tefft, o gênio por trás do EuroMaidan, agora é embaixador dos EUA na Rússia, e Frank Archibald, ex-“homem das armas” da CIA na Bósnia e orquestrador da primeira revolução colorida bem-sucedida da história na Sérvia em 2000, esteve no comando da NCS da CIA do fim de 2013 ao início de 2015. Tudo isso combinado comprova que o mundo só começou a viver a revolução da guerra híbrida na estratégia militar.